

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FAALC - FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
ARTES VISUAIS BACHARELADO

GABRIELY DE SOUZA

JOANA DARC, VIOLÊNCIAS E FEMINISMO:
REFLEXÕES E CAMINHOS PARA ILUSTRAÇÕES DIGITAIS SOBRE MULHERES
NEGRAS NO BRASIL

CAMPO GRANDE-MS

2021

GABRIELY DE SOUZA

JOANA DARC, VIOLÊNCIAS E FEMINISMO:
REFLEXÕES E CAMINHOS PARA ILUSTRAÇÕES DIGITAIS SOBRE MULHERES
NEGRAS NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais/Bacharelado da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação/FAALC da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito obrigatório para a obtenção do grau de bacharel em Artes Visuais.

Orientação: Profª . Drª Venise Paschoal Melo

CAMPO GRANDE-MS

2021

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso apresenta o desenvolvimento de ilustrações digitais com o principal objetivo de representar as violências exercidas contra mulheres negras no Brasil. O processo dessa produção de poética visual foi embasada em breves estudos sobre o contexto histórico de Joana D’Arc, no entendimento sobre feminismo no pensamento das autoras bell hooks, Silvia Federici e Lélia Gonzalez, e também nos apontamentos dos teóricos brasileiros Lucia Santaella e Arlindo Machado para as reflexões sobre a arte no contexto das tecnologias digitais.

Palavras-chave: Arte Digital; Feminismo Negro; Joana D’Arc.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 - JOANA D'ARC E SUAS REPRESENTAÇÕES	9
1.1 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: JOANA D'ARC E SUA HISTÓRIA	9
Figura 01 - Joana D'Arc, Albert Lynch, 1903.	12
1.2 JOANA D'ARC NAS ARTES VISUAIS	13
Figura 02: Joana D'Arc na fogueira, Hermann Anton Stilke, 1843. 119,5 x 83,5 cm.	13
Figura 03: Joana D'Arc, Albert Lynch, 1903.	14
Figura 04: Joana D'Arc ouve pela primeira vez, Pedro Américo, 1883. Óleo s/t 119,5x202cm.	14
Figura 05: Capture of Joan of Arc, Adolphe Alexandre Dillens, 1847. Óleo s/t 53,00x72,00cm.	15
Figura 06: Majo Taisen-wiki da guerra das bruxas gananciosas, Homura Kawamoto, 2020.	16
Figura 07: Joana D'Arc, Esthevan Silveira, 2020. Ilustração Digital.	16
Figura 08: Joan of Arc, Enlight Software, 2004.	17
CAPÍTULO 2 - FEMINISMO E A MULHER NEGRA	18
2.1 MULHERES NEGRAS NO FEMINISMO	18
2.2 VIOLÊNCIA E A CAÇA ÀS BRUXAS	20
Figura 09. Rédeas das Rabugentas	21
Figura 10: Anastácia, Yolando Guerra, 1970.	22
2.3 MULHERES NEGRAS NO BRASIL	25
Figura 11: Engenho de Mandioca, Modesto Brocos y Gomez, 1892. Óleo s/t 75,80x56,00cm.	26
Figura 12: “Um jantar brasileiro”, Jean-Baptiste Debret, 1839. Aquarela s/papel 16 x 22 cm.	26
Figura 13: Mãe Preta, Lucílio de Albuquerque, 1912. Óleo s/tela c.s.e. 130,00 cm x 180,00cm	28
CAPÍTULO 3- PRODUÇÕES POÉTICAS VISUAIS	31
3.1 ARTE DIGITAL	31
3.2 ILUSTRAÇÃO DIGITAL	33
Figura 14: SketchBook, visualização do computador	34
Figura 15: funções do aplicativo SketchBook, visualização do computador.	35
3.3 MINHAS PRODUÇÕES POÉTICAS	35
Figura 16: Representação da mulher negra, grupo 1, variação 1.	36
Figura 17: Representação da mulher negra grupo 1, variação 2.	36

Figura 18: Representação da mulher negra grupo 1, variação 3.	37
Figura 19: Representação da mulher negra grupo 2, variação 1.	37
Figura 20: Representação da mulher negra grupo 2, variação 2.	38
Figura 21: Representação da mulher negra grupo 2, variação 3.	38
Figura 22: Representação da mulher negra grupo 3, variação 1.	39
Figura 23: Representação da mulher negra grupo 3, variação 2.	39
Figura 24: Representação da mulher negra grupo 3, variação 3.	40
Figura 25: Representação da mulher negra grupo 4, variação 1.	40
Figura 26: Representação da mulher negra grupo 4, variação 2.	41
Figura 27: Representação da mulher negra grupo 4, variação 3.	41
Figura 28: Representação da mulher negra grupo 5, variação 1.	42
Figura 29: Representação da mulher negra grupo 5, variação 2.	43
Figura 30: Representação da mulher negra grupo 5, variação 3.	43
Figura 31: Representação da mulher negra grupo 6, variação 1.	44
Figura 32: Representação da mulher negra grupo 6, variação 2.	44
Figura 33: Representação da mulher negra grupo 6, variação 3.	45
Figura 34: Representação da mulher negra grupo 7, variação 1	45
Figura 35: Representação da mulher negra grupo 7, variação 2.	46
Figura 36: Representação da mulher negra grupo 7, variação 3.	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - JOANA D'ARC E SUAS REPRESENTAÇÕES	9
1.1 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: JOANA D'ARC E SUA HISTÓRIA	9
Figura 01 - Joana D'Arc, Albert Lynch, 1903.	12
1.2 JOANA D'ARC NAS ARTES VISUAIS	13
Figura 02: Joana D'Arc na fogueira, Hermann Anton Stilke, 1843. 119,5 x 83,5 cm.	13
Figura 03: Joana D'Arc, Albert Lynch, 1903.	14
Figura 04: Joana D'Arc ouve pela primeira vez, Pedro Américo, 1883. Óleo s/t 119,5x202cm.	14
Figura 05: Capture of Joan of Arc, Adolphe Alexandre Dillens, 1847. Óleo s/t 53,00x72,00cm.	15
Figura 06: Majo Taisen-wiki da guerra das bruxas gananciosas, Homura Kawamoto, 2020.	16
Figura 07: Joana D'Arc, Esthevan Silveira, 2020. Ilustração Digital.	16
Figura 08: Joan of Arc, Enlight Software, 2004.	17
CAPÍTULO 2 - FEMINISMO E A MULHER NEGRA	18
2.1 MULHERES NEGRAS NO FEMINISMO	18
2.2 VIOLÊNCIA E A CAÇA ÀS BRUXAS	20
Figura 09. Rédeas das Rabugentas	21
Figura 10: Anastácia, Yolando Guerra, 1970.	22
2.3 MULHERES NEGRAS NO BRASIL	25
Figura 11: Engenho de Mandioca, Modesto Brocos y Gomez, 1892. Óleo s/t 75,80x56,00cm.	26
Figura 12: “Um jantar brasileiro”, Jean-Baptiste Debret, 1839. Aquarela s/papel 16 x 22 cm.	26
Figura 13: Mãe Preta, Lucílio de Albuquerque, 1912. Óleo s/tela c.s.e. 130,00 cm x 180,00cm	28
CAPÍTULO 3- PRODUÇÕES POÉTICAS VISUAIS	31
3.1 ARTE DIGITAL	31
3.2 ILUSTRAÇÃO DIGITAL	33

Figura 14: SketchBook, visualização do computador	34
Figura 15: funções do aplicativo SketchBook, visualização do computador.	35
3.3 MINHAS PRODUÇÕES POÉTICAS	35
Figura 16: Representação da mulher negra, grupo 1, variação 1.	36
Figura 17: Representação da mulher negra grupo 1, variação 2.	36
Figura 18: Representação da mulher negra grupo 1, variação 3.	37
Figura 19: Representação da mulher negra grupo 2, variação 1.	37
Figura 20: Representação da mulher negra grupo 2, variação 2.	38
Figura 21: Representação da mulher negra grupo 2, variação 3.	38
Figura 22: Representação da mulher negra grupo 3, variação 1.	39
Figura 23: Representação da mulher negra grupo 3, variação 2.	39
Figura 24: Representação da mulher negra grupo 3, variação 3.	40
Figura 25: Representação da mulher negra grupo 4, variação 1.	40
Figura 26: Representação da mulher negra grupo 4, variação 2.	41
Figura 27: Representação da mulher negra grupo 4, variação 3.	41
Figura 28: Representação da mulher negra grupo 5, variação 1.	42
Figura 29: Representação da mulher negra grupo 5, variação 2.	43
Figura 30: Representação da mulher negra grupo 5, variação 3.	43
Figura 31: Representação da mulher negra grupo 6, variação 1.	44
Figura 32: Representação da mulher negra grupo 6, variação 2.	44
Figura 33: Representação da mulher negra grupo 6, variação 3.	45
Figura 34: Representação da mulher negra grupo 7, variação 1	45
Figura 35: Representação da mulher negra grupo 7, variação 2.	46
Figura 36: Representação da mulher negra grupo 7, variação 3.	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo o desenvolvimento de ilustrações digitais com a principal intenção de representar as violências exercidas contra mulheres negras no Brasil. Este processo se inicia a partir de breves estudos sobre Joana D'Arc, uma mulher que sofreu e foi assassinada brutalmente, sendo acusada de bruxaria. Desta maneira, para o Capítulo 01 apresentamos um brevíssimo histórico sobre Joana D'Arc, e observamos por meio de imagens produzidas por diversos artistas ao longo do tempo a sua representação nas Artes Visuais, seja na pintura, em ilustrações, mangás e até mesmo em videogames. Estudar as violências sofridas por Joana D'Arc nos levou a refletir sobre as diversas violências sofridas pelas mulheres na atualidade, e em especial, aquelas cometidas contra as mulheres negras no Brasil. Desta forma, no Capítulo 02 apresentamos a leitura e compreensão de alguns textos de autoras feministas, que nos ajudaram a compreender melhor o conceito de feminismo e também nos auxiliaram a refletir sobre a condição da mulher negra no Brasil: Silvia Federici, bell hooks e Lélia Gonzalez. Para a compreensão sobre arte digital, no Capítulo 03 estudamos alguns apontamentos e conceitos de autores importantes nesta área no Brasil: Lucia Santaella e Arlindo Machado, que contribuíram para o nosso entendimento em relação a inserção das tecnologias na arte, bem como na compreensão das imagens digitais.

Nossa proposta de poética visual foi produzida no formato de ilustrações digitais, realizadas a partir de um aplicativo específico para uso no computador ou aparelho de celular, denominado Autodesk Sketchbook. Neste processo os desenhos foram produzidos por etapas, se iniciando com o esboço e sendo trabalhada até sua finalização neste suporte digital. Ao final desta pesquisa nossa produção poética será apresentada em detalhes, como uma forma de representação das violências cometidas contra as mulheres negras no Brasil.

CAPÍTULO 1 - JOANA D'ARC E SUAS REPRESENTAÇÕES

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo a produção de ilustrações digitais como proposição de poética visual, e apresenta como principal temática reflexões a respeito da violência cometida contra mulheres. Como início deste desenvolvimento, apresentaremos uma breve apresentação de Joana D'Arc, uma jovem mulher camponesa francesa que viveu durante a Guerra dos Cem Anos - batalhas travadas entre França e Inglaterra no período entre 1337 e 1453, na intenção de entendermos sua representação neste contexto, como uma mulher para além de seu tempo, que foi executada violentamente sob as torturas da Santa Inquisição.

1.1 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: JOANA D'ARC E SUA HISTÓRIA

Para entendermos brevemente a Santa Inquisição, também conhecida como Tribunal do Santo Ofício, esta foi formada pela Igreja Católica, como uma instituição que punia e julgava pessoas por condutas consideradas pela igreja como heresia¹ e teve duas fases: a Inquisição Medieval, onde os homens, em sua maioria, eram perseguidos pela igreja, acusados por heresia, e durou do século XII ao século XIV; e a Inquisição Moderna, momento em que a igreja passou a perseguir muitas mulheres por heresia e por bruxaria, e muitas foram brutalmente assassinadas, entre os séculos XV e XIX.

A autora feminista Silvia Federici (2019) nos conta que a maioria das mulheres que sofreu tais perseguições eram camponesas, e que a falta dessa informação nos livros de histórias, faz com que estas mortes sejam banalizadas, ou que não recebam a devida atenção. Neste sentido, para Federici (2019), essa campanha de terror contra as mulheres não se iguala a nenhuma outra perseguição na história, pois, esse movimento fez, consequentemente, com que as mulheres fossem vistas como vilãs, e que os homens comesçassem a ter medo do poder das mesmas. Neste aspecto, a feitiçaria, por volta da metade do século XV, foi declarada como forma de heresia e também existiam as descrições sobre os sabás,

¹ Heresia segundo o Dicionário Online de Português significa ofensa ou desrespeito a uma religião. Doutrina contrária aos preceitos estabelecidos pela igreja.

conhecidos por serem reuniões de bruxas, realizados no período dos anos de 1435 a 1487. Foram escritos vinte e oito tratados sobre bruxaria por Monter no século XV. A autora nos apresenta que,

Nesta época de revoltas populares, epidemias e crise feudal incipiente, tiveram lugar os primeiros julgamentos de bruxas (no sul da França, na Alemanha, na Suíça e na Itália), as primeiras descrições do Sabá e o desenvolvimento da doutrina sobre a bruxaria, na qual a feitiçaria foi declarada como uma forma de heresia e com crime máximo contra Deus, contra a Natureza e contra o Estado. (FEDERICI, 2019, p.296).

Nos anos entre 1580 e 1630, na época que as relações feudais estavam dando lugar para as instituições econômicas, Federici (2019) nos relata que é o período em que se começou a fazer o uso das fogueiras, e os estados começaram a denunciar a existência de bruxas, quando ocorreu início das perseguições. Em 1532, o rei católico Carlos V, com a *Constitutio Criminalis Carolina*, ordenou que bruxaria fosse penalizada com a morte, por acreditarem que as mulheres vendiam seu corpo e alma ao demônio, e por meios mágicos assassinavam crianças, sugando seu sangue, criando feitiços com suas carnes. As mulheres acusadas por diversos crimes de heresia eram perseguidas, julgadas, condenadas, torturadas e mortas. Federici (2019) nos aponta que um problema que se apresenta nos relatos históricos da Inquisição é a inexistência do conhecimento do ponto de vista das vítimas, já que as confissões foram dadas sob tortura.

Um problema que acrescenta isso é que não contamos com o ponto de vista das vítimas, já que tudo que restou de suas vozes são as confissões regidas pelos inquisidores, geralmente obtidas sob tortura [...]. Além disso, o extermínio das bruxas não pode ser explicado como sendo um simples produto de cobiça, já que nenhuma recompensa comparável às riquezas das Américas poderia ter sido obtida com uma execução e o confisco dos bens de mulheres que eram pobres em sua maioria. (FEDERICI, 2019, p.304 - 305).

Segundo ainda a autora mencionada, a caça às bruxas foi um instrumento para a construção de uma nova ordem patriarcal, pois os corpos das mulheres, suas ações, comportamentos e seus desejos sexuais foram colocados sob poder do Estado.

Ainda segundo a autora, a bruxaria era um crime determinado somente para mulheres, pois utilizavam o argumento de que a mulher mantinha relação sexual com o demônio, e muitos demonólogos² diziam que Deus livrou os homens dessa tortura. Federici (2019) nos mostra a articulação de um discurso de dominação da política sexual, introduzido nos julgamentos nos séculos XVI e XVII: a caça às bruxas apontava que a mulher servia ao demônio, ela era sua criada, escrava, enquanto o demônio era seu dono e marido.

A caça às bruxas também induzia os homens a temer as mulheres e ve-las como destruidoras do sexo masculino. Segundo os autores do *Malleus Maleficarum*³ as mulheres seduziam os homens, e se tocassem neles eram contaminados, e neste pensamento, quando elas atraíam os homens, era somente para fragilizá-los. Estes, ao se relacionarem com elas, poderiam perder suas almas ou órgãos sexuais, então, supostamente, as mulheres poderiam castrar os os homens.

Resumindo, Mary Daly (apud Federici, 2019) aponta que boa parte da literatura que aborda esse assunto não evidencia as mulheres como vítimas, apesar de existirem algumas exceções. Porém, o movimento feminista impulsionou estas discussões mais aprofundadas e como resultado temos o reconhecimento da brutalidade dos fatos posta às claras: milhares de mulheres massacradas, violentadas, humilhadas e mortas, por somente não seguirem a estrutura de poder imposta pelo estado e pela igreja, concluindo-se também que essa guerra contra as mulheres foi oportuna à chegada do capitalismo.

E uma das mulheres mais conhecidas nesses momento de caça às bruxas e por sua execução em uma fogueira, foi a camponesa Joana D'Arc, que foi católica praticante, nasceu durante a Guerra dos Cem Anos. Aos treze anos ouvia vozes, convencida que eram mensagens de Deus, além de suas visões: com o Arcanjo Miguel, Catarina Alexandria e a virgem-mártir Margarida, que ordenaram a ela liderar o exército francês.

Nessa época, as mulheres não tinham direito a falar em público, e eram muito desvalorizadas, sua imagem e comportamento eram determinados por homens da igreja e do Estado. Porém aos 17 anos Joana D'Arc conseguiu conversar com o, até

² Segundo o Dicionário Online de Português demonologia é o estudo da natureza e da influência de demônios .

³ *Malleus maleficarum* com a tradução de: Martelo das Bruxas foi um livro do século XV destinado a ajudar inquisidores a identificar e acusar acusadas de bruxaria.

então não coroado rei Carlos VII, dizendo ser uma enviada de Deus para liderar o exército francês contra os ingleses na Guerra dos Cem Anos, e conseguiu convencê-lo. Portanto, fugindo de todas as normas impostas às mulheres daquela época, Joana D'Arc conseguiu armas, armadura e cortou seu cabelo muito curto, o que a deixava, aos olhos daquela sociedade, com uma aparência de homem.

Segue abaixo a pintura do artista Albert Lynch que representa a imagem de Joana D'Arc (Figura 01).

Figura 01 - Joana D'Arc, Albert Lynch, 1903.



FONTE: <https://www.wikiart.org/pt/albert-lynch/all-works#!#filterName:all-paintings-chronologically.resultType:masonry>

Na imagem apresentada Joana D'Arc usa trajes militares, tem o cabelo curto, segura uma espada em sua mão direita, ao fundo é possível ver o que possivelmente é uma construção da França.

Nesta longa guerra, como líder exército francês, Joana D'Arc venceu e perdeu diversas batalhas, mas por ter sido considerada uma contraventora, por violar todas as regras da igreja, por ser mulher, portar armas e ir para guerra, então os ingleses, em um movimento de conspiração, ao acreditarem que o sucesso da guerreira estava atribuído diretamente à bruxaria, iniciaram uma perseguição, que se findou com o julgamento de Joana. Aos seus 19 anos foi levada ao tribunal e condenada por heresia e bruxaria, 8 meses presa, a ser amarrada e queimada viva em uma fogueira, brutalmente assassinada em praça pública. Após um período de ações de tamanha brutalidade contra tantas mulheres, podendo estas serem representadas

na figura de Joana D'Arc durante a Santa Inquisição, a Igreja, por fim, anulou sua condenação e esta posteriormente foi considerada santa.

1.2 JOANA D'ARC NAS ARTES VISUAIS

Diante deste contexto histórico, para contribuir com a produção visual, decidimos observar e utilizar algumas imagens de Joana D'arc, representada nas artes visuais ao longo dos tempos, como referência. Para isso apresentaremos algumas imagens a seguir:

Figura 02: Joana D'Arc na fogueira, Hermann Anton Stilke, 1843. 119,5 x 83,5 cm.



FONTE: <https://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01.+Paintings/31496/>

Nesta pintura (Figura 02) o pintor Hermann Anton Stilke representa Joana D'Arc sendo assassinada na fogueira, na representação podemos ver no olhar dela o sofrimento, seus cabelos são longos e ao fundo podemos ver pessoas assistindo sua morte.

Figura 03: Joana D’Arc, Albert Lynch, 1903.



FONTE: <https://www.wikiart.org/pt/albert-lynch/all-works#!#filterName:all-paintings-chronologically.resultType:masonry>

O artista Albert Lynch produziu uma pintura para a capa do jornal francês Le Figaro (1903), onde Joana D’Arc é representada com trajes militares, portando uma espada e com cabelo curto (figura 03). Na imagem, Joana usa trajes militares, empunha uma espada e seu cabelo está curto e ao fundo o artista pintou a Catedral de Notre Dame.

Figura 04: Joana D’Arc ouve pela primeira vez, Pedro Américo, 1883. Óleo s/t 119,5x202cm.



FONTE: <https://virusdaarte.net/pedro-americo-joana-darc/>

O artista brasileiro Pedro Américo, representa Joana D'Arc com 13 anos (1883). Nesta pintura (Figura 04) é possível ver um anjo representado ao fundo, e se remete à época que ela começou a ouvir vozes e ter as primeiras visões.

Figura 05: Capture of Joan of Arc, Adolphe Alexandre Dillens, 1847. Óleo s/t 53,00x72,00cm.



FONTE: <https://www.ancientsculpturegallery.com/alexandre-capture-of-joan-of-arc-by-adolphe-dillens-1847-52.html>

O artista belga Adolphe Alexandre Dillens, em sua obra *Capture of Joan of Arc* (1847), que mostra Joana sendo capturada pelos ingleses (figura 05). Nesta pintura Joana D'Arc está olhando para cima, sendo segurada pelos soldados, usa o que aparenta ser um vestido com uma armadura por baixo.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias e novos meios de comunicação é compreensível que novas representações de Joana D'Arc fossem criadas, como no cinema, na arte digital, em jogos, mangás e HQs. Um exemplo disso é o mangá denominado *Majo Taisen- wiki da guerra das bruxas gananciosas* (2020) do autor Homura Kawamoto (Figura 06).

Figura 06: Majo Taisen-wiki da guerra das bruxas gananciosas, Homura Kawamoto, 2020.



FONTE: https://majo-taisen.fandom.com/wiki/Jeanne_D%27Arc

Na imagem (Figura 06) a personagem usa trajes militares, empunha uma espada e os seus cabelos são curtos.

Figura 07: Joana D'Arc, Esthevan Silveira, 2020. Ilustração Digital.



FONTE: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foi-joana-darc/>

Nesse outro mangá apresentado na imagem acima (Figura 07) a personagem tem o hábito de seguir ordens de seu Deus, geralmente é mostrada usando um crucifixo. Nesta imagem, Joana está usando roupas de guerreira, seu cabelo, como em muitas representações, está curto e ela possui uma espada. Neste trabalho de ilustração digital Joana é representada no momento em que foi assassinada na fogueira, em seu rosto deixa transparecer que não está com medo ou sentindo dor, se tem a impressão que ela está se divertindo com tudo isso. Seu cabelo ao contrário de muitas outras representações (principalmente as de séculos passados) é realmente muito curto. Na ilustração digital Joana está sendo assassinada na

fogueira, seu olhar demonstra que não está com medo disso e mostra até certo deboche, seu cabelo é curto, está amarrada enquanto tudo é consumido pelas chamas.

Um jogo para computador denominado “Joan of Arc” (Figura 08) também foi baseado na história de Joana D’Arc, desenvolvido e publicado pela empresa Enlight Software em 2004, em cuja imagem de capa do videogame a guerreira possui cabelos longos e ruivos, usa trajes de guerra, segura uma espada e atrás da mesma é possível ver centenas de guerreiros.

Figura 08: Joan of Arc, Enlight Software, 2004.



FONTE: https://en.wikipedia.org/wiki/Wars_and_Warriors:_Joan_of_Arc

Entender brevemente a história de Joana D’Arc, a violência que mulheres sofreram na época da inquisição e as formas que a guerreira foi representada nas artes visuais ao longo dos tempos foi importante e fundamental para pensarmos nessas imagens a serem produzidas nesta pesquisa, inseridas na linguagem das ilustração digital.

CAPÍTULO 2 - FEMINISMO E A MULHER NEGRA

A proposta desta pesquisa, que se iniciou ao entender brevemente a história de Joana D'Arc, agora se direciona para as reflexões sobre a violência contra mulheres. Apresentaremos a seguir um breve entendimento a respeito do feminismo, a fim de contribuir para o desenvolvimento de proposição de poética visual. Desta forma, segue uma reflexão sobre o pensamentos de autoras que refletem sobre esta temática, em especial bell hooks⁴ (2020), Silvia Federici (2019) e Lélia Gonzalez (2020).

2.1 MULHERES NEGRAS NO FEMINISMO

Segundo bell hooks (2020), nos Estados Unidos o pensamento feminista em sua origem partiu de mulheres brancas, que lutavam por direitos específicos de sua realidade e condição social, contudo, as mulheres que sofriam mais com a opressão sexista, que foram massacradas por diversos tipos de violência, foram as mulheres negras, cuja condição não se encaixava neste discurso. Um exemplo disso pode ser visto, menção que hooks do livro *The Feminine Mystique* (1963), cuja autora Betty Friedan baseou-se em sua vivência uma mulher branca privilegiada, com estudos, sem problemas financeiros, casada e com filhos. Apesar disso, seu livro é conhecido por ter preparado o caminho para o feminismo contemporâneo.

No livro de Friedan (Friedan, 1963 apud hooks, 2020), uma frase nos chama a atenção: “o problema que não tem nome”, pois se refere ao cansaço de mulheres brancas e de classe média que estavam frustradas com suas vidas, ao cuidar dos filhos, da casa e do marido. Essas mulheres queriam algo além dessa rotina, queriam poder fazer algo por elas e não cuidar somente da família. Porém, o grande problema é que estas mulheres não pensaram em quem ocuparia estas funções, e quem passou a cumprir as tarefas deixadas de lado pelo “ganho” de espaço de trabalho e autonomia fora de casa, foram, em sua grande maioria, as mulheres negras. Desta forma, o pensamento desta autora foi importante para abrir o caminho

⁴ Segundo blogs unicamp a escolha do pseudônimo bell hooks é em homenagem à sua bisavó Bell Blair Hooks, conhecida dentro da família pela sua coragem de dizer a verdade. Uma mulher de língua afiada, sem papas na língua. Quando bell hooks começa escrever, ela adota o nome da bisavó como forma de reivindicar seu legado, já que desde a infância hooks também gostava de expressar suas ideias.

para o feminismo contemporâneo, porém o fato dela não ter incluído outras mulheres em seu livro deixou uma grande lacuna.

A questão, segundo Hooks (2020), é que Friedan (1963) não relatou o problema de uma massa de mulheres brancas que estavam preocupadas com sua sobrevivência econômica, mas que isso contribuiu e reforçou a discriminação étnica e racial de outras mulheres. Neste sentido, hooks (2020) nos mostra que a luta feminista é dominada por mulheres brancas, e uma parte delas não se questiona se sua realidade é ou não a realidade de outras mulheres, também não compreendem que, dependendo do seu ponto de vista, refletem preconceitos de raça e classe.

hooks nos explica:

Existe um grande número de obras de feministas brancas em que o racismo está presente, o que apoiou, assim, a supremacia branca e negou a possibilidade de as mulheres se unirem politicamente para além das fronteiras étnicas e raciais. A ligação entre raça e classe foi suprimida pelas feministas que se negaram a chamar a atenção para as hierarquias raciais e atacá-las. (hooks, 2020, p.02 - 03).

Podemos perceber então que, mulheres brancas atuam em movimentos feministas desde o início, e assim, no passado e na atualidade, mulheres negras quase nunca tiveram voz no feminismo. Na maioria das vezes, estas foram caladas por mulheres brancas, que não tinham o interesse em saber sobre a opressão das mulheres negras, e que encaravam o seu sofrimento de forma generalizada. Estas, as mulheres brancas, ainda segundo hooks (2020), não se questionavam se o que elas viviam era o mesmo de outras mulheres, nem se suas ações eram racistas.

A própria autora nos relata que passou por situações horríveis ocasionadas por mulheres brancas quando estudava a teoria feminista. Como exemplo nos conta sobre um fato onde uma colega de classe não queria ser “arrasada” por ela como aconteceu com outras colegas”, o uso da palavra “arrasada” tem o sentido de que as pessoas brancas se sentiram devastadas pela autora pelos seus argumentos sobre o movimento feminista ser liderado por mulheres brancas e elas não darem atenção para a opressão da mulher negra. Para hooks (2020), algumas mulheres brancas pensam que os estereótipos racistas contra mulheres negras, a violência, opressão e a sexualização em suas mentes são apenas mitos. Conta-nos hook:

Recordei-lhe que eu era uma pessoa a falar para um grupo grande de pessoas indignadas e agressivas; dificilmente teria sido eu a dominar a

situação. Fui eu que saí da aula em lágrimas e não as pessoas que eu supostamente teria “arrasado”. (hooks, 2020, p.11).

Como já dito, algumas dessas mulheres privilegiadas não tem noção que, em parte, elas têm mais privilégios que mulheres negras, apesar de mulheres brancas serem oprimidas por homens brancos e negros, para essas tudo que as separa dos direitos à igualdade é o gênero, só que como já visto, isso não é verdade, pois além do gênero existe a separação de classes, além do racismo, ao aceitarmos, inclusive, o fato das mulheres negras serem muito mais sexualizadas do que mulheres brancas.,

Desta forma, é fundamental ressaltar que, mulheres negras sofrem com racismo, com situações sociais desiguais, com a opressão sexual e principalmente com a violência, conhecida hoje como feminicídio⁵. Por tanto, é de suma importância que as mulheres negras estejam inseridas na luta feminista, para que conquistem também seus direitos e liberdade.

2.2 VIOLÊNCIA E A CAÇA ÀS BRUXAS

Pensando no contexto de violência contra as mulheres e refletindo nos processos históricos destes fatos, a pesquisadora Silvia Federici (2019) nos ajuda a articular as reflexões sobre a violência das caças às bruxas, já mencionada anteriormente nos estudos apresentados sobre Joana D’Arc, e a violência contra as mulheres nos dias atuais.

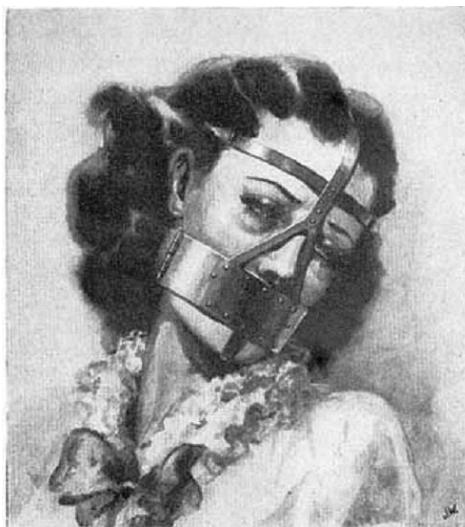
Segundo a autora Silvia Federici (2019), o Primeiro Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres, foi realizado em Bruxelas em março de 1976, onde feministas apresentaram depoimentos sobre os problemas da maternidade, sobre violências, estupros e agressões físicas. A violência contra as mulheres cresceu muito em todo o mundo, e é tornada cada vez mais pública e comum a sua vivência. Para a autora em questão, essa violência se deve ao fato do acúmulo de capital, já que, como é repercutido estruturalmente pelo pensamento do patriarcado, a mulher teria sido feita somente para a procriação.

⁵ Assassinato de mulheres somente por serem mulheres. Crime de ódio contra indivíduos do sexo feminino, definido também por agressões verbais, físicas e psicológicas. O feminicídio foi instituído como crime na lei 13.140/2015 no Brasil desde 2015.

Para Federici (2019) tudo isso começou na guerra contra as mulheres, durante a caça às bruxas dos séculos XVI e XVII, que ocorreu na Europa, e que levou à morte milhares de mulheres. Com essa perseguição às “bruxas” foi “preparado o terreno” para as mulheres europeias ficarem em casa e assumirem os serviços domésticos não remunerados, isso deu ao estado e aos homens o controle sobre as mulheres, e principalmente, o domínio sobre seu sistema reprodutivo, para garantir mão de obra para o futuro.

Ainda no pensamento da autora, as mulheres, percebendo que para sobreviver elas precisariam se sujeitar aos desejos dos homens e obedecer suas ordens, até o século XVIII, para aquelas que resistiam, era usado *scold's bridle*, ou rédeas das rabugentas, rédea das bruxas (Figura 09), instrumento usado para amordaçar as mulheres, um objeto que circundava a cabeça e se a pessoa falasse sua língua era dilacerada, também utilizado em pessoas escravizadas.

Figura 09. Rédeas das Rabugentas

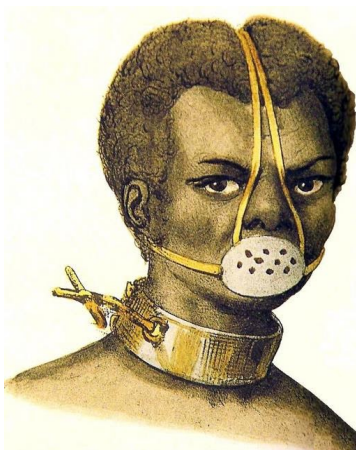


FONTE: <https://medium.com/@dimitravulcana/t%C3%A9cnicas-de-tortura-de-mulheres-na-idade-de-m%C3%A9dia-scolds-bridle-e-a-origem-da-fof-60cb55140046>

No século XVIII no Brasil haviam formas específicas de violência de gênero nas fazendas, onde os senhores donos das terras praticavam agressões sexuais contra as mulheres negras escravizadas, o que se transformou em uma política sistemática de estupro e reprodução, e uma tentativa de substituir a importação de pessoas vindas da África. Neste período a Máscara de Flandres também foi utilizada (Figura 10) para prevenir que escravos cometessem furtos de alimentos, uso de

bebidas alcoólicas e quando mineravam diamantes, para evitar o desvio dos mesmos. A máscara era muito usada também em colheitas para evitar que os escravos ingerissem os alimentos, assim não trazendo prejuízo econômico para seus donos, além de outro motivo: evitar o suicídio, pois os escravos ingeriam uma grande quantidade de terra, que provocava uma infecção do verme *necator americanus*, levando-os à morte.

Figura 10: Anastácia, Yolando Guerra, 1970.



FONTE: https://www.diariodeviamao.com.br/noticias/colunas/3954_sankofa-viamao-%7C-a-mascara-de-flandres-2020

Nesta imagem acima (Figura 10) vemos Anastácia, filha de uma escrava que foi violentada por um homem branco, e por isso nasceu com os olhos azuis, o que supostamente fazia com que seu “senhor” tivesse desejo sexual por ela. Por não ceder a tais vontades sexuais e por também lutar contra a opressão escravista, Anastácia despertava a ira de seus “senhores e senhoras” e por conta disso foi sentenciada a usar a Máscara de Flandres por toda a vida.

Mesmo com o fim da caça às bruxas e a abolição da escravidão, a violência contra as mulheres não teve um fim, ao contrário, foi normalizada. Federici (2019) nos aponta que no auge do movimento eugenista⁶ nos anos de 1920 e 1930 a liberdade sexual das mulheres era retratada como doença mental, e estas eram punidas com a esterilização ou o aprisionamento em hospitais psiquiátricos. As mulheres que exerciam sua sexualidade fora do casamento, que eram pobres e de

⁶ Eugenia de acordo com o Dicionário Online de Português é uma teoria que tenta criar uma seleção que, contendo o que está presente na espécie humana, se pauta nas leis da genética; eugenismo. Ciência que busca pesquisar o processo de aprimoramento genético da espécie humana.

grupos étnicos minoritários, recebiam esterilização até os anos de 1960. Outro tipo de violência contra as mulheres praticado nos anos de 1950 foi a lobotomia⁷, essa cirurgia também era destinada às mulheres que iriam executar trabalhos domésticos, que era uma função que se assumia prescindir do uso do cérebro.

Giovanna Franca Dalla Costa destacou em seu livro *Un lavoro d'amore* (1978 *apud FEDERICI*, 2019) que a violência no núcleo familiar sempre esteve nas entrelinhas, já que os homens, tendo um salário maior, podiam supervisionar as funções domésticas não remuneradas das mulheres, e caso ela não as cumprissem, eram punidas. Por conta disso, a violência causada por essa recusa não era considerada até recentemente como crime. Segundo a autora, as mais atingidas por essa violência são as afrodescendentes e indígenas nativas, porque a expansão econômica é um processo político de recolonização, é a entrega do capital o controle da riqueza natural por meio da escravidão/escravidão da mão de obra, podemos concluir que as mulheres ainda hoje são consideradas reprodutoras para a produção de uma maior quantidade de mão de obra.

De acordo com Federici (2019), a violência contra as mulheres negras está totalmente ligada ao racismo e a misoginia, nomeando também a transfobia. Entre os anos de 2010 e 2016 um número de 111 pessoas que não estavam de acordo com seu gênero biológico e transgênero foram assassinados nos Estados Unidos, em sua maioria eram mulheres trans e negras. Muitas mulheres não denunciam os agressores, por medo de serem julgadas por familiares ou por sofrerem mais violências, que se amplificam em sofrimentos físicos, verbais e morais.

Para a autora, estas formas de violência são quase sempre direcionadas às mulheres que recebem salários sempre inferiores ao dos homens, e reafirmam a ideia de que mulher serve somente para a reprodução, por meio da objetificação de seu corpo, que começa na infância, e pode ser observado na criminalização do aborto, para que o sistema patriarcal possa ter um controle do seu corpo e gere para o sistema capitalista a reprodução de mão de obra.

Segundo Federici (2019), no período de colonização muitas mulheres foram trazidas para a América para serem escravas, não só mulheres, mas homens também, com as plantações e importações de cana no Brasil. O *plantation* é um

⁷ A lobotomia, é uma técnica psicocirurgia onde há a intenção de eliminar doenças mentais ou modificar os comportamentos ditos inadequados através da área cerebral afetada, ou seja, é uma intervenção cirúrgica, onde são seccionadas as vias que comunicam os lobos frontais ao tálamo e outras vias frontais associadas.

sistema de produção agrícola baseado na monocultura, que surgiu na antiguidade, e que os europeus espalharam pela América, África e Ásia a partir da colonização dos séculos XV e XVII. Ocorreu no Brasil no período colonial, sendo o sistema utilizado nos engenhos de açúcar do Nordeste brasileiro nos séculos XVI e XVII e foi fundamental para a Revolução Industrial.

O sistema *plantation* foi importante no desenvolvimento capitalista que estabeleceu um sistema de trabalho com a produção voltada para a exportação, integração econômica e a divisão de trabalho que resultou no padrão de classes capitalistas, com isso o *plantation*, foi crucial para a divisão de trabalho que dividiu os escravizados e os donos de fazenda em classes separadas e opostas.

Neste panorama, segundo a autora, o ponto a ser observado é a divisão sexual do trabalho, a institucionalização da escravatura, que veio com a diminuição da carga trabalhista para trabalhadores brancos, com a diminuição de mulheres brancas europeias vindas para o Brasil, trazidas com o objetivo de serem esposas de fazendeiros, não importando sua classe social, o que tornou possível também se tornarem donas de escravos e escravas. Já para as mulheres negras, eram delegados os trabalhos domésticos e a reprodução de escravos, que seriam vendidos ou inseridos no mesmo ciclo de escravização.

Federici nos relata:

Entretanto, com a institucionalização da escravatura, que veio acompanhada por uma diminuição de carga laboral para os trabalhadores brancos por uma queda de mulheres vindas da Europa como esposas de fazendeiros, a situação mudou drasticamente. Fosse qual fosse sua origem social, as mulheres brancas ascenderam de categoria, esposas dentro das classes mais altas do poder branco. E, quando se tornou possível, também se tornaram donas de escravos, geralmente de mulheres, empregadas para realizar trabalhos domésticos. (FEDERICI, 2019, p.216).

Segundo a autora, essa divisão sexual no trabalho foi imposta, pois nesta construção da ordem patriarcal, que tornou as mulheres dependentes dos homens, foi fundamental para o desenvolvimento capitalista, e isso interferiu não somente em suas funções na sociedade, mas em suas vidas e em outros setores da classe de trabalho. Com isso pode-se concluir que, a divisão sexual de trabalho foi nada mais que uma relação de poder e um imenso impulso à acumulação capitalista.

2.3 MULHERES NEGRAS NO BRASIL

Ao refletirmos sobre as mulheres negras, em especial para aquelas que foram escravizadas no Brasil, segundo Lélia Gonzalez (2020), as crianças negras aprendem e aceitam aquilo que é ensinado na escola, normas e valores através da socialização, são ensinadas que o povo brasileiro são pessoas generosas, e sobre nosso povo são ensinados estereótipos e apontam que somos pacíficos e incapazes intelectualmente etc. Segundo informações que Gonzalez (2020) obteve da historiadora negra Maria Beatriz Nascimento, em 1559 ocorreu a formação dos primeiros quilombos, que existiram em todo o país, que foram forçados a satisfazer as exigências econômicas e por conta disso fizeram uma distribuição geográfica, o motivo que os forçou a fazer isso foi o conhecidos “ciclos da economia brasileira” do período escravista que era: o açúcar, mineração, café, algodão, etc, e mesmo assim eles resistiram com a formação dos quilombos.

A situação da mulher negra escravizada no Brasil segundo Freitas (2020) tinha duas categorias: a trabalhadora de eito, que eram mulheres escravas produtivas, que trabalhavam muitas horas sem uma boa alimentação (figura 11), (não esquecendo que a maioria eram homens e por isso muitas mulheres cometiam suicídio, para que seu filho no ventre não tivesse o mesmo destino); a mucama (figura 12), responsável por manter a casa-grande, lavar, passar, fiar, tecer, cozinhar, costurar e amamentar as crianças de suas sinhazinhas, não esquecendo das investidas sexuais dos senhores brancos, que muitas vezes também as utilizavam para a iniciação sexual dos seus jovens.

Figura 11: Engenho de Mandioca, Modesto Brocos y Gomez, 1892. Óleo s/t 75,80x56,00cm.



FONTE: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3280/engenho-de-mandioca>

Figura 12: “Um jantar brasileiro”, Jean-Baptiste Debret, 1839. Aquarela s/papel 16 x 22 cm.



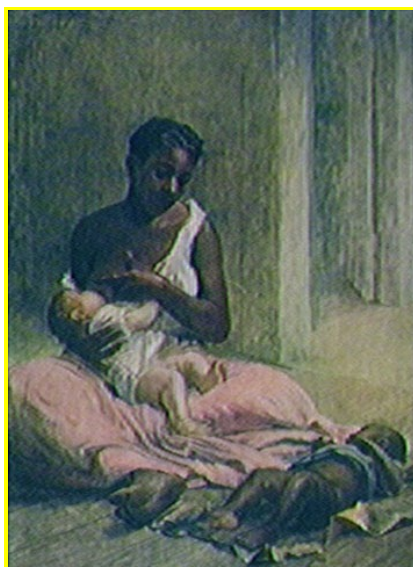
FONTE: <https://ensinarhistoria.com.br/debret-e-os-habitos-alimentares-na-corte-brasileira/>

Esta imagem (Figura 12) mostra uma família branca se alimentando, uma escrava limpando e dois escravos esperando ordens, enquanto isso crianças negras são alimentadas como se fossem animais de estimação.

Esta situação fazia com que suas “senhoras” brancas tivessem ciúmes, gerando rancor e maus-tratos, e quando voltava para a senzala, a mucama, ainda tinha de cuidar de seus próprios filhos. O papel imposto como mucama que deu origem à “mãe preta ou ama de leite” (figura 13), que alimentou, cuidou e educou dos filhos de seus senhores, durante a primeira infância, contando histórias sobre

quibungo, a mula sem cabeça e outras figuras do imaginário popular afrodescendente.

Figura 13: Mãe Preta, Lucílio de Albuquerque, 1912. Óleo s/tela c.s.e. 130,00 cm x 180,00cm



FONTE: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3242/mae-preta>

Na imagem a Mãe Preta ou Ama de leite está amamentando uma criança branca enquanto vê seu próprio filho passar fome, isso era muito comum de acontecer, onde elas deixavam de amamentar seus próprios filhos.

Segundo a autora:

A nosso ver, a mãe preta e o pai-com suas histórias, criaram uma espécie de “romance familiar” que teve uma importância fundamental na formação dos valores e crenças do povo, do nosso *Volksgeist*. (GONZALEZ, 2020, p.38).

Com a formação econômica de completa desigualdade no Brasil não é difícil concluir que o lugar da sua força de trabalho da mulher negra no mercado é de muito sofrimento, enquanto raça, classe e sexo. A autora observa o contexto histórico, que de acordo com o Censo de 1950 a escolaridade de muitas mulheres negras era até o segundo ano do primário ou o primeiro grau, na economia apenas 10% trabalhavam na agricultura e as outras 90% trabalhavam em casa de família. Quanto aos outros censos o do ano de 1960 manteve o quesito *cor*, o de 1970 simplesmente excluiu pessoas negras usando a justificativa de “dificuldades

técnicas”, em 1980 recolocou apenas como amostra. Entre 2016 e 2018 de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) na população preta o analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais passou de 9,8% para 9,1% e a porção de pessoas de 25 anos ou mais com pelo menos o ensino médio completo se ampliou de 37,3% para 40,3%. De acordo com os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública em 2020 a cada três vítimas de feminicídio duas são mulheres negras, o que representa 61,8% das mortes.

Segundo Gonzalez (2020), desde o ano de 1950 ocorreu um desenvolvimento e modernização que ampliaram muitos setores da indústria junto com o crescimento da urbanização das cidades brasileiras. Com essa ampliação a indústria têxtil entrou em um processo de decadência que resultou no fechamento de muitas fábricas, com isso a mulher negra perdeu muito como operária, apesar de tentar outros setores, como o de alimento ou de roupas, mas mesmo assim continuaria sendo a minoria, já que mulheres brancas tinham mais chances de uma colocação no mercado de trabalho.

De acordo com a autora ainda, com a modernização também surgiram outras oportunidades, como os setores burocráticos de nível mais baixo, mas mesmo assim, precisava de um nível de escolaridade e como já sabemos a mulher negra não tinha muita oportunidade de estudo, além dos outros muitos motivos que foram criados como barreiras, tais como ter “boa aparência” e “boa educação”.

Atualmente, mesmo as mulheres negras atingindo um nível de escolaridade maior, ainda são menores as oportunidades em comparação àquelas disponíveis para as mulheres brancas. Ser uma mulher negra no Brasil é viver uma tripla discriminação: racismo, sexismo e classe social, que nos coloca em um nível mais alto de opressão.

A autora nos aponta que, muitas vezes o que resta é trabalhar em casa de família e então, de forma geral, a mulher negra ainda é vista pela sociedade por meio de duas formas de “qualificação” tais como a mulata e a doméstica. A palavra “mulata” foi criada pelo sistema dominante em um sentido especial de “mercado de trabalho”, na atualidade não se refere apenas à filha de uma pessoa branca com uma pessoa negra, mas à um “produto de exportação”. Essa profissão é exercida por jovens negras que, sob pressão absurda do sistema, expõem seus corpos, conforme o ditado: “Preta para cozinhar, mulata para fornicar e branca para casar”. E a “qualificação” como doméstica, é dada às mulheres negras que trabalham em

casa de família, seja limpando, cozinhando, lavando, cuidando da casa em geral. Desta forma, entendemos que a exploração das mulheres negras vai muito além do que é dito e pensam os movimentos feministas brasileiros, que como já dito, em sua maioria são liderados por mulheres de classe média branca. Ainda existem muitas mulheres que contratam jovens negras para trabalhar em suas casas, inclusive com o objetivo de iniciar seus filhos a vida sexual. As mulheres negras são excluídas dos textos do movimento feministas no nosso país, apesar da maioria dos textos apresentarem a dominação sexual, social e econômica em que a mulher é submetida, não se atentam muito para a opressão racial. Dadas circunstâncias, podemos concluir que a mulher negra tem um papel totalmente negativo em nossa sociedade ainda até os dias de hoje, por conta da imagem que lhe é atribuída e a superexploração que está submetida.

Ainda neste cenário, não podemos esquecer que a violência contra as mulheres aumentou muito durante o tempo de pandemia⁸ do Coronavírus. O isolamento social e a falta de políticas públicas emergenciais provocaram um grande aumento do desemprego, e fez com que muitas mulheres ficassem em casa, e o sustento das famílias ficou em função do homem, e isso fez com que aumentasse muito a violência doméstica. Não deixando de destacar que o governo atual⁹ contribuiu absurdamente com a disseminação do discurso de ódio, que colabora com a normalização dos processos de exclusão e preconceito, do racismo, da misoginia, do machismo, que vem disparando e intensificando uma onda de violência pelo país.

Tendo compreendido brevemente sobre o feminismo e a condição da mulher negra e também a importância em pensar no período de caça às bruxas como um período que a violência contra as mulheres foi banalizada, segundo a autora Federici (2019), esses dados são fundamentais para a produção poética em arte digital a seguir.

⁸ Pandemia segundo o Dicionário Online de Português é a disseminação mundial de uma nova doença.

⁹ O Governo do presidente Jair Bolsonaro teve início em primeiro de janeiro de 2019.

CAPÍTULO 3- PRODUÇÕES POÉTICAS VISUAIS

Com objetivo de estudar as violências sofridas por mulheres por meio da figura histórica de Joana D’Arc, compreender brevemente o pensamento feminista, ao direcionar nosso olhar em especial para as mulheres negras no Brasil, além de observar algumas representações visuais sobre estas formas de violência sofridas por estas mulheres, o desfecho desta pesquisa culmina na produção de uma série de ilustrações digitais, que pretendem representar nossas reflexões sobre os estudos realizados até o momento. Devido a pandemia a disponibilidade para o trabalho prático foi a arte digital em específico a ilustração digital por ser o material de maior alcance no momento. Mas o que é Arte Digital? Como ela está inserida na arte? Para responder essas perguntas serão usados como estudo Santaella e Machado.

3.1 ARTE DIGITAL

Segundo a autora Lúcia Santaella (2005) é notável o crescimento da complexidade comunicacional e tecnológica dos anos 1980 em diante. E para fazer frente a essa complexidade a autora utilizou como categoria analítica a configuração da cultura humana em seis eras civilizatórias: a comunicação oral, a escrita, a era de comunicação favorecida pelos meios de comunicação de massa, a comunicação midiática e a era da comunicação digital

O cinema, a televisão, o design gráfico se encaixam na comunicação digital, utilizando um vasto banco de imagens e usando cada um de seu modo, a partir dos anos 1980. Quando as imagens puderam ser armazenadas em computadores, sua disponibilidade aumentou muito, ainda mais com a explosão de redes planetárias de comunicação, e nas possibilidades de acesso doméstico, não somente empresariais, o que gerou aos designers o acesso aos bancos de imagens, museus inteiros e programas de tratamento de imagens que permitem a manipulação das mesmas. Por essas e outras razões, as imagens artísticas inseridas nas mídias tecnológicas constituíram-se em um mercado em expansão.

Segundo Santaella:

Nada poderia parecer menos propício a essas imagens do que a apropriação das mídias, pois as pretensões destas, especialmente das mídias e massa, é comunicar suas mensagens para um público médio. (SANTAELLA, 2005, pg. 41- 42).

Desta forma, a partir das experimentações e invenções feitas por cientistas e engenheiros surgiram as novas tecnologias midiáticas¹⁰, com o surgimento da fotografia, se desenvolveu para a imagem em movimento do cinema e depois para a produção por meio do uso do computador. A revolução mais atual da tecnologia é aquela que permite que pessoas que tenham alguma renda média possam criar suas obras/imagens sem sair de casa, o que aconteceu muito nesta pandemia, com pessoas produzindo imagens e criando conteúdo de suas casas.

Segundo Machado (2007) a arte é produzida de acordo com o seu tempo, seu o contexto histórico, na atualidade muitos artistas utilizam diversas formas de tecnologias, tanto para produção quanto para a divulgação.

Segundo o autor:

o vocábulo “artemídia”, forma aportuguesada do inglês “*media arts*”, tem se generalizado nos últimos anos para designar formas de expressão artística que se apropriaram de recursos tecnológicos das mídias e da indústria do entretenimento em geral, ou intervêm em seus canais de difusão, para propor alternativas qualitativas. (MACHADO, 2007, pg. 07).

O autor cita o termo *Stricto sensu* “Artemídia”, que significa a intervenção, experiência de diálogos e colaboração nos meios de massa, mas também atinge experiências artísticas que usam uma tecnologia recente, principalmente nos campos eletrônicos, informática e engenharia biológica. Portanto, a artemídia está incluída na criação colaborativa baseada nas redes e intervenções em ambientes virtuais, com aplicação dos *hardwares* e *softwares* para a produção de obras inseridas nas possibilidades tecnológicas.

A forma como a arte utiliza o aparato tecnológico se difere das outras formas de seus usos na sociedade, como na indústria que utiliza a tecnologia para criar objetos como bens de consumo. De modo geral, os aparelhos, as chamadas por Machado (2007) como máquinas semióticas, não são projetados para a produção de

¹⁰ Segundo o Dicionário Online de Português midiática significa inerente à mídia. Característica daquilo que está relacionado à mídia. Publicitado, executado ou divulgado através da mídia.

arte, não no sentido secular¹¹ pelo menos. As Máquinas semióticas foram criadas em sua maioria para a produção industrial, assim pode ser entendida a fotografia, o cinema, o vídeo e o computador, que foram desenvolvidos inseridos na lógica de expansão capitalista.

Porém, o uso destas mesmas tecnologias, apropriadas pelo artista para suas produções, são modos de subversão, ao contrapor este pensamento mercadológico e para este tipo de consumo. Por exemplo, quando utilizamos softwares que foram criados para a produção e expansão do pensamento publicitário (que colabora com a venda e exposição de produtos) como o Adobe Photoshop, e nesta apropriação produzimos desenhos artísticos, sem qualquer função para a publicidade em sua origem, é um modo de gerar novos usos e inverter a lógica proposta para tal software, ou seja, os artistas viram nesses aparelhos tecnológicos e softwares uma oportunidade para produzir suas obras, usando de novas tecnologias, que em sua maioria, são utilizadas para meios comerciais, são usadas de uma forma totalmente diferente por artistas que intervêm e desmistificam esses softwares de uma forma totalmente diferente.

3.2 ILUSTRAÇÃO DIGITAL

Segundo Santaella (2005), as imagens pós-fotográficas, que são imagens criadas numericamente, simulações, nomeadas em 1980 de computação gráfica, que é a linguagem digital que permite a criação e manipulação de qualquer imagem. Essa produção visual foi gradativamente introduzida em várias categorias como no design, na produção de vinhetas para a TV, na publicidade, nos games, no cinema e no vídeo. Com o acesso aos computadores e seus programas de produção e manipulação de imagens, muitos artistas produziram o que foi chamado de arte computacional, que tem uma ampla margem de possibilidades, que pode ser a gráfica, a animação computadorizada, imagens digitalizadas etc.

Segundo Machado (2007), nos últimos anos modelos e simulações têm proliferado, onde mundos artificiais computacionais são multiplicados, o que fez surgir oportunidades, como exemplo, da simulação feita por computadores. O

¹¹ Segundo o Dicionário Online de Português secular que se refere a século; que ocorre ou desenvolve-se de século em século: fenômeno secular. Cujas existência subsiste há muitos séculos: civilização secular.

conceito de imagem tem se expandido em seus meios computacionais, não se trata mais de ilustrar os conhecimentos gráficos confiados a artistas convencionais, pois a imagem agora é construída a partir de parâmetros que são fornecidos pelo próprio sistema físico estudado.

Segundo Melo (Melo, 2001 *apud*. Couchot) o autor centra-se em sua própria materialidade do meio eletrônico de representação e a imagem numérica permite criar as imagens desde o início, sem precisar de um objeto primeiro para depois fazer a criação e isso se designa como *pixel*.

Segundo Machado essas imagens podem ser reproduzidas várias vezes e de infinitas maneiras, em um sistema de coordenadas x, y e z, onde essas coordenadas são valores numéricos que podem ser ampliados, invertidos, diminuídos, comprimidos ou dilatados em vários sentidos, podem ser deslocados de posição, também podem ser juntados com outras imagens e o resultado pode ser visto em tempo real a partir de uma tela de computador ou celular.

Essas imagens podem ser produzidas em vários aplicativos ou softwares, como por exemplo o aplicativo utilizado para as produções de nossas poéticas visuais, o *Autodesk SketchBook* (figura 14), neste aplicativo existe uma variedade de pincéis, com editor de camadas, cores *copic* e editor de cores (figura 15). Esse aplicativo pode ser usado em diversos dispositivos como aparelho de celular e computador.

Figura 14: SketchBook, visualização do computador

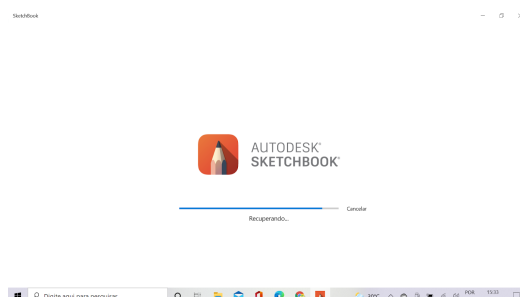
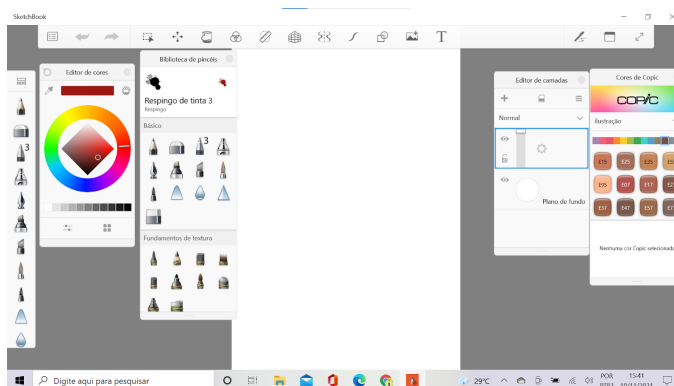


Figura 15: funções do aplicativo SketchBook, visualização do computador.



3.3 MINHAS PRODUÇÕES POÉTICAS

Com o momento de pandemia que estamos vivendo, o meio possível com mais acessibilidade para nós, e também pela praticidade em seu aprendizado neste momento foi a ilustração digital produzida a partir do aplicativo Autodesk SketchBook, que pode ser usado, conforme mencionado anteriormente, em diversos dispositivos, tais como computadores e aparelhos de celular,

Nossas poéticas visuais serão apresentadas em sete grupos conforme figuras abaixo (figuras 16 a 36), e esses grupos apresentarão as variações sobre as mesmas imagens e suas manipulações, sendo até três variações cada, algumas variações foram feitas no mesmo dia e outras em dias diferentes, todas as ilustrações possuem a mesma dimensão de 20x30 cm.

Figura 16: Representação da mulher negra, grupo 1, variação 1.



Nesta primeira ilustração (Figura 16) é representada uma mulher, com sangue escorrendo de um de seus olhos, para representar a violência sofrida pela mulher negra e fogo no outro para representar a violência sofrida por Joana D'Arc, no lugar da sua boca há uma fita a fim de evidenciar as formas de silenciamentos, seu cabelo é do tipo *black power* e o fundo na cor laranja.

Figura 17: Representação da mulher negra grupo 1, variação 2.



Nesta segunda ilustração (Figura 17) representamos a mulher negra com a mesma ideia da primeira ilustração já apresentada, com a diferença de que em seu pescoço tem marcas de violência e com o fundo um pouco mais escuro.

Figura 18: Representação da mulher negra grupo 1, variação 3.



A ilustração acima (Figura 18) mostra a mulher negra com as mesmas características das anteriores, mas o sangue e o fogo estão com mais destaque.

Figura 19: Representação da mulher negra grupo 2, variação 1.



A ilustração (Figura 19) é uma variação da mesma mulher negra apresentada anteriormente com os olhos tampados com uma venda na cor preta e com sangue escorrendo, também com a boca com uma fita como forma de silenciamento, e um fundo vermelho.

Figura 20: Representação da mulher negra grupo 2, variação 2.



Seguindo a mesma ideia das anteriores a ilustração acima (Figura 20) apresenta com diferencial do sangue e fogo que escorrem dos olhos vendados, com o fundo mais escuro.

Figura 21: Representação da mulher negra grupo 2, variação 3.



Essa ilustração (Figura 21) é uma variação das anteriores, porém mostra um diferencial, nela o rosto tem a impressão de derretimento, com as mesmas características de sangue e fogo saindo dos olhos e a fita como forma de silenciamento.

Figura 22: Representação da mulher negra grupo 3, variação 1.



A ilustração (Figura 22) apresenta os olhos destapados e como furos sobre o rosto, com o sangue e o fogo escorrendo e mais estendidos.

Figura 23: Representação da mulher negra grupo 3, variação 2.



Nesta ilustração (Figura 23) foi usada a ideia de uma cabeça se desfazendo e surgindo outra com a mesma temática das outras ilustrações anteriores.

Figura 24: Representação da mulher negra grupo 3, variação 3.



Esta ilustração (Figura 24) é um pouco diferente das demais, nela o cabelo foi desenhado bem curto e com a pretensão de provocar a sensação de impressão de derretimento do rosto, o fundo aparece com manchas e respingos de sangue.

Figura 25: Representação da mulher negra grupo 4, variação 1.



Esta ilustração (Figura 25) o cabelo foi desenhado de modo que se tem a impressão de continuidade com o formato da delimitação do espaço, a forma de

silenciamento também é apresentada de forma diferente, ao invés da fita como nas imagens anteriores, foi inserida uma mão em sangue.

Figura 26: Representação da mulher negra grupo 4, variação 2.



Esta ilustração (Figura 26) segue a mesma ideia do cabelo expandido para fora dos limites do suporte, e a forma de silenciamento é uma máscara com manchas e respingos de sangue, com a intenção de lembrar que nesta pandemia a violência contra a mulher negra aumentou muito.

Figura 27: Representação da mulher negra grupo 4, variação 3.



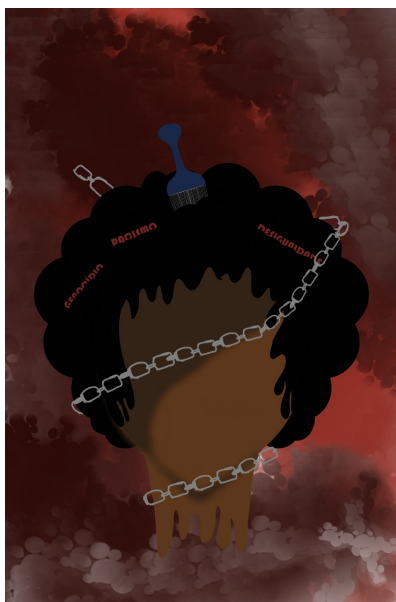
Nesta ilustração (Figura 27) a forma de silenciamento representada agora é uma mordada com manchas e respingos de sangue, o cabelo ainda se mantém expandido e os olhos escorrendo sangue e fogo.

Figura 28: Representação da mulher negra grupo 5, variação 1.



A ilustração acima (Figura 28) é um pouco diferente das outras, nela não há olhos e nem nada tapando a boca, o rosto está vazio, nos cabelos foram colocadas as palavras: racismo, violência, escravizadas, desigualdade, silenciamento e também um pente afro, no fundo agora há o fogo representado e desfocado e o sangue aparece como uma poça.

Figura 29: Representação da mulher negra grupo 5, variação 2.



Agora a ilustração (Figura 29) continua sem os olhos e algo tapando a boca, mas continua com a palavras: racismo, desigualdade, genocídio e o pente afro, o diferencial está nas correntes que surgem para representar a escravidão.

Figura 30: Representação da mulher negra grupo 5, variação 3.



A ilustração (Figura 30) volta mostrando os olhos com sangue e fogo escorrendo, as palavras: racismo, desigualdade, genocídio e pente afro no cabelo, a forma de silenciamento é a boca em forma de nó e os pescoço agora aparece acorrentado.

Figura 31: Representação da mulher negra grupo 6, variação 1.



A ilustração (Figura 31) é somente o rosto e as correntes, com um fundo preenchido de respingos de vermelho, para lembrar sangue.

Figura 32: Representação da mulher negra grupo 6, variação 2.



A ilustração (Figura 32) segue a mesma ideia da ilustração anterior com a diferença de sangue escorrendo ao fundo.

Figura 33: Representação da mulher negra grupo 6, variação 3.



A ilustração (Figura 33) segue a mesma ideia das anteriores, mas com mais correntes em volta do rosto.

Figura 34: Representação da mulher negra grupo 7, variação 1



A ilustração (Figura 34) mostra o rosto e em volta a flor chamada Gladiola, que se parece com uma espada, e um de seus significados é a luta, e isso tem muito haver com a luta feminina, principalmente da mulher negra que sempre lutou muito na vida.

Figura 35: Representação da mulher negra grupo 7, variação 2.



Na ilustração (Figura 35) inserimos a flor Camélia, que um significado muito forte, onde essas flores eram usadas por Quilombos e abolicionistas como forma de comunicação, pois quem tivesse essa flor em frente a sua casa ou fazenda demonstrava apoio à abolição da escravatura, as correntes usadas na ilustração foi para mostrar em uma mesma imagem algo com significado de liberdade e aprisionamento.

Figura 36: Representação da mulher negra grupo 7, variação 3.



Nesta ilustração (Figura 36) tem a mesma ideia que a ilustração acima, com correntes posicionadas de forma diferente, em meio às flores, com a intenção de inserir sentidos ambíguos em sua leitura, pois a flor pretende significar a liberdade dos escravizados, e a corrente, seu aprisionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida durante um momento de pandemia, o que nos levou à produção de arte digital, em específico a ilustração digital, pois foi o meio possível e mais acessível para a realização de nossas produções visuais, em virtude da condição de estudos remotos estabelecidos como forma de segurança à manutenção de nossa saúde. Desta forma, este foi um espaço propício para reflexões sobre as representações da mulher negra em nosso país, bem como nos levou a pensar nas violências sofridas por estas e seus impactos, inclusive neste momento de crise sanitária e social que atravessamos. Estes aspectos nos levaram a pensar também sobre a violência sofrida por Joana D’Arc, que talvez, mesmo sem esta intenção, foi uma mulher que teve voz em uma sociedade que era na época muito mais machista do que na atualidade, e que foi assassinada simplesmente por ser mulher. Pensando nestes fatos, pudemos compreender um pouco sobre a importância do feminismo e deste movimento incluir as mulheres negras, que sofrem, são vítimas das mais diversas formas de violência e são assassinadas diariamente. E por fim, acreditamos que trazer estas discussões para a arte é muito importante para promover mais debates, principalmente na arte digital, que na atualidade é o meio de maior alcance de divulgação e compartilhamento para muitas pessoas, assim tendo um alcance bem maior.

REFERÊNCIAS

bell, hooks. **Teoria feminista da margem ao centro**. São Paulo, 2019. pg. 1-13.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. São Paulo: Editora Elefante, 2019. pg. 206-418.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e as caças às bruxas**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2019.

MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010. pg. 07-10.

MELO, Venise. **Interconexões Digineurais: processo em arte e tecnologia**. Campo Grande, 2001. pg. 14-21.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão se convergindo?** 3ª Edição. São Paulo: Editora Paulus, 2008. pg. 41-61.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

Anastácia: Resistência negra santificada:

<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/3526/anastacia-resistencia-negra-santificada> 16/11/2021

Demonologia: <https://www.dicio.com.br/demonologia/>

Eugenia: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=eugenia>

Feminicídio: <https://www.dicio.com.br/feminicidio/>

Feminicídio; a cada três mulheres mortas no Brasil em 2020, duas eram negras:

<https://almapreta.com/sessao/cotidiano/duas-a-cada-tres-vitimas-de-feminicidio-no-brasil-sao-mulheres-negras> 16/11/2021

Governo atual: <https://noticias.uol.com.br/politica/governo-bolsonaro/>

Heresia: <https://www.dicio.com.br/heresia/>

Joana D'Arc 11 curiosidades e momentos importantes de sua biografia:

https://www.ebiografia.com/joana_darc_curiosidades_biografia/ 16/11/2021

Lobotomia: <https://www.dicio.com.br/lobotomia/>

Malleus Maleficarum:

<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=malleus+maleficarum>

Midiática: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=midi%C3%A1tica>

Pandemia: <https://www.dicio.com.br/pandemia/>

Sankofa Viamão/ A máscara de Flandres:

https://www.diariodeviamao.com.br/noticias/colunas/3954_sankofa-viamao-%7C-a-mascara-de-flandres-2020 16/11/2021

Secular: <https://www.dicio.com.br/secular/>

Técnicas de tortura de mulheres na idade média (Scold's Bridle) e a origem da fofoca:<https://medium.com/@dimitravulcana/t%C3%A9cnicas-de-tortura-de-mulheres-na-idade-m%C3%A9dia-scolds-bridle-e-a-origem-da-fof-60cb55140046>